

CURSO DOS BISPOS 2020

Arquidiocese do Rio de Janeiro e CNBB

27 a 31 de janeiro de 2020

TERCEIRA CONFERÊNCIA O PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO DOS SACERDOTES DURANTE A FORMAÇÃO PERMANENTE

✠ **Jorge Carlos Patrón Wong**

Arcebispo Secretário para os Seminários

Congregação para o Clero

INTRODUÇÃO

A formação permanente *tem caráter eminentemente comunitário e se desenvolve com a colaboração de um inteiro presbitério e seu pastor*. A vocação sacerdotal, em si, é um presente de Deus para a Igreja e para o mundo que nasce do seu próprio Coração, mas vem gerada no seio de uma comunidade de fiéis que cumpre o mandado de Jesus de rezar incessantemente.

O itinerário de formação permanente é uma **via de santificação para o sacerdote**, enquanto vocação própria, e também para seus irmãos, por consequência do seu exercício ministerial. Por isso, podemos dizer ser uma estrada de santificação que não se percorre individualmente, mas sempre tendo como referência uma porção específica do Povo de Deus (cf. RFIS, 3), mais diretamente falando, trata-se daquela comunidade eclesial da qual faz parte o sacerdote e à qual ele é chamado a servir como colaborador do Bispo, sucessor dos Apóstolos e vigário de Cristo dentro da Igreja particular onde está incardinado. Esse mesmo caminho de santificação será percorrido em comunhão com outros irmãos sacerdotes, com os quais compõem o presbitério diocesano.

I. ALGUNS FUNDAMENTOS EVANGÉLICOS DO ACOMPANHAMENTO

NA FORMAÇÃO PERMANENTE:

Encontramos os fundamentos desse “acompanhamento”, que conhecemos através do Novo Testamento, na chamada “escola de Jesus”, ou seja, na formação que o próprio Senhor ofereceu aos seus discípulos em geral e aos Apóstolos em particular.

Jesus constituiu uma comunidade discipular formada por irmãos e irmãs, *e ofereceu por eles a sua amizade*: “*Vós sois meus amigos*” (Jo 15,14). No entanto, nesse relacionamento, Jesus sempre permaneceu como “mestre”, exigindo um **vínculo estreito de intimidade** com ele: “*Vós sois meus amigos se fizéreis o que eu vos ordeno*” (Jo 15,14). E, o mandato dado a eles é que se amem: “*Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado*” (Jo 15,12). Não é apenas o amor de bem querer recíproco um pelo outro, mas existe uma qualidade bem precisa para esse amor, que é aquele “**como**” **Jesus ama seus discípulos**, ou seja, na profundidade de sua entrega por eles.

A escola do discipulado de Jesus é *destinada à missão*, ou seja, *ao anúncio aos demais sobre o amor que foi recebido e experimentado enquanto gozo e misericórdia*: “*Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha...*” (Mt 5,13-15). Do encontro salvador com o Senhor, desponta a alegria que se traduz em convite para outros viverem essa mesma experiência: por exemplo, André levou até Jesus o seu irmão Simão (cf. Jo 1,40-41); a mulher samaritana convida seus conterrâneos para conhecerem quem Ihe havia curado por dentro (cf. Jo 4,29).

A escola de Jesus é por toda a vida, por isso, em Cristo nós somos irmãos e irmãs e o seremos para sempre. Desse modo, como em uma família, o **acompanhamento** e a **ajuda mútua são características do discipulado cristão na vivência comum de nossa vocação e missão**. Jesus nos impulsiona a prática da correção fraterna em suas três fases (cf. Mt 18,15-17): a **confidencialidade do diálogo a dois**, a **intervenção de um irmão como testemunha pela verdade**, e finalmente, a **participação da comunidade na defesa da verdade e da justiça**. Ele também ensina a aconselhar o semelhante partindo da experiência de quem soube ver a própria debilidade antes de socorrer e corrigir o próximo (cf. Mt 7,1-5).

Dentro da comunidade de seus discípulos, Jesus elege e forma um grupo para uma missão especial, serem seus doze Apóstolos. “*Depois, subiu ao monte e chamou os que ele quis. E foram a ele. Designou doze dentre eles para ficarem em sua companhia. Ele os enviaria a pregar, com o poder de expulsar os demônios*” (Mc 3,13-15).

Nos evangelhos é possível recolher uma descrição detalhada da formação dos Apóstolos, **sempre orientada em favor do serviço pela comunidade**: “*Quem quiser ser grande entre vós, faça-se servo; e aquele que quiser ser o primeiro, seja o servo de todos*” (Mc 10,42-44).

A missão deles abraça o mundo inteiro: “*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura*” (Mc 16,15). Trata-se de **fazer discípulos** para o “mestre”, **ensinando o que eles mesmos aprenderam com o Senhor e batizando a todos em Seu nome** (cf. Mt 28,19-20). Ao confirmar a vocação de Pedro o Senhor descreve a sua vocação como aquele que “*apascentará o rebanho*”. (cf. Jo 21,15)

O serviço dos Apóstolos está intimamente ligado ao ministério de Jesus como “Bom Pastor”. Eles devem exercê-lo com as mesmas qualidades do “Mestre e Senhor”: Ele *conhece* as ovelhas; *chama pelo nome*; *as faz entrar e sair* do redil em segurança; *elas seguem a sua voz*; Ele *recebe ovelhas que não são do seu redil*; *dá a vida pelas ovelhas* (Jo 10,1-18).

Nessa comunidade apostólica *cada um encontra em seu irmão a ajuda e o sustento necessário para seguir em frente*. Pedro de maneira especial: chamado a conversão deve ainda confirmar seus irmãos na fé (cf. Lc 22,32). **Todos eles têm uma corresponsabilidade na vocação dos demais**, cumprindo assim um papel de “mestre” com o Mestre no cuidado de seus irmãos. “*Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós*” (Jo 13,13-15).

II. ASPECTOS FUNDAMENTAIS DO ACOMPANHAMENTO NA FORMAÇÃO PERMANENTE

2.1. FINALIDADE DO ACOMPANHAMENTO

O *sacerdote se santifica através do exercício de seu ministério*, e como todo itinerário de santificação, está sujeito a avanços, contratempos e crises características da natureza humana que, como nos ensina São Paulo e os Padres da Igreja, constantemente se rebela na hora de se sujeitar aos desígnios de Deus e renunciar ao amor próprio, ***necessitando constantemente do socorro de Deus e da ajuda de toda a Igreja***. Os sacerdotes vivem esse caminho de santificação assistidos e amparados por seus irmãos e irmãs, que ora oferecem por eles testemunhos que os edificam na santidade, e ora recolhem e confirmam os testemunhos sacerdotais que os edifica como povo de Deus em caminho.

Os valores que definem o ideal do sacerdócio, assim como os demais valores cristãos, são acessíveis por meio da ajuda da graça de Deus e o acompanhamento dos outros membros da comunidade cristã. Assim, ***a santidade sacerdotal não representa a exuberância de uma humanidade segura e isenta de maiores exigências e penas de mortificação do que aquela dos demais fiéis***. Diríamos então que exatamente por ter

o dever de socorrer seus irmãos em suas fraquezas, ***os sacerdotes devem ser grandes conhecedores das próprias fraquezas e homens de comprovada humildade e entrega a Deus***. Como recorda o Apóstolo, São Paulo: "*Mas carregamos esse tesouro em recipientes de barro, para que se possa ver que esse poder extraordinário não vem de nós, mas de Deus*" (2Cor 4,7).

De fato, cada sacerdote é um irmão cristão chamado a viver sua consagração batismal em sua vocação e ministério sacerdotal recebido sob a Sagrada Ordenação. ***A especificidade de seu seguimento é a consagração/configuração a Cristo, Servo e Bom Pastor para a santificação dos homens***, verificada na experiência e no exercício da caridade pastoral, porém, não isoladamente, mas ***como membro da fraternidade sacramental do presbitério*** e colaborador do ministério apostólico de seu bispo, sucessor dos Apóstolos. Consequentemente, como afirma a *Ratio Fundamentalis*, “a primeira área em que ocorre a formação permanente é na vivência da fraternidade presbiteral” (RFIS, 82).

Agora, tanto o dinamismo natural do crescimento, como os desafios e problemas que todo sacerdote enfrenta em seu caminho cristão e ministerial, mostram que em sua formação permanente ele precisa de um cuidadoso e fraterno acompanhamento espiritual.

Até o presente momento fica muito evidente o significativo papel do Bispo diocesano na hora de propor e promover um trabalho de conscientização sobre a formação permanente do clero. A eficácia dessa proposta passa por ***dois pontos significativos***: o ***testemunho pessoal do Bispo no reconhecimento e cuidado prático com a própria formação permanente*** e na ***motivação dos seminaristas, bem como na orientação da consciência deles*** sobre a importância e compromisso que deverão ter com o próprio itinerário formativo, tanto agora quanto futuramente após a ordenação.

2.2. PRINCÍPIOS DO ACOMPANHAMENTO

- Independentemente do sacerdote passar ou não por alguma situação crítica, o ***acompanhamento é sempre conveniente***. Trata-se de uma experiência que supostamente já foi assimilada desde a formação inicial (diretores espirituais, confessores, psicólogos, amigos sacerdotes, etc) e que não há um prazo ou tempo de necessidade circunscrito a uma etapa específica da vida.

- Todas as ***situações ordinárias da vida sacerdotal***, quando forem ***adequadamente acompanhadas*** e vividas sob a ajuda da Graça de Deus, ***poderão transformar-se em ocasiões de grande crescimento pessoal***.

- ***A opção por um valor a ser vivido não é feita apenas uma vez na vida***, mas é renovada contínua e gradualmente todos os dias. Embora seja necessário que, desde o

início, haja a intenção de escolher "para sempre" tudo aquilo que faz parte da vocação sacerdotal, essa escolha, que desde o início é radical enquanto conteúdo, ***precisará tornar-se radical enquanto forma de vida e prática quotidiana***, o que ***supõe um processo gradual e crescente de renovação diária das escolhas feitas***. Por isso, para que a vivência desses valores seja sentida como algo real, a pessoa precisa perceber avanços objetivos em sua vida. ***Ajudar a observar esse progresso e facilitar a conscientização sobre os aspectos positivos do crescimento pessoal*** é função daqueles que acompanham os irmãos sacerdotes. Como o padre está dentro de um processo de santificação, ele precisa verificar a objetividade de sua caminhada; quando ele faz isso, essa descoberta o ajuda a entender melhor o valor de seus atos e permite que ele "sinta isso" como seu, ***resultando em uma experiência estável em favor da busca pela santidade de vida***.

- Em contrapartida, também existem retrocessos e estagnações durante a caminhada. A liberdade interior de um padre que escolhe um valor como, por exemplo, a oração de intercessão pelo Povo de Deus, não é de imediato plena. Ele precisará colocar muitas coisas à prova em sua vida para conseguir viver isso plenamente. Portanto, embora os avanços sejam objetivos, sua própria vulnerabilidade também se manifesta de maneira permanente e caso não seja atentamente cuidada pode levar a regressões. Caminhamos em direção à santidade através de um humilde processo marcado pelo pecado, pelas fragilidades pessoais, pela contrição, pelo arrependimento e a transformação gradual do nosso ser por obra da Graça de Deus. ***A percepção dessa constante contradição*** (tensão vocacional) ***e a maneira de gerenciá-la são de grande importância, garantindo que a pessoa não paralise o seu processo de crescimento***, mas que ela encontre no meio das dificuldades um estímulo e um fôlego para sua perseverança como consagrado. Uma outra função do acompanhante ***é ajudar a estabelecer a relação de crescimento entre a fragilidade e os atos de amor a Deus e ao próximo*** para que sejam estáveis enquanto valores proclamados e vividos.

- Como sabemos, muitas vezes há crises na vida sacerdotal. Quase sempre a crise é identificada como uma mudança abrupta ou uma modificação importante no desenvolvimento do que está sendo vivido, física ou espiritualmente: estado de saúde, equilíbrio psicológico, rotina de trabalho, etc. Às vezes, a crise é causada pela descoberta de uma doença, uma mudança de destinação de trabalho, a morte de um ente querido. Fala-se também de crises etárias, relacionadas ao processo de envelhecimento, ou a condições extraordinárias da vida e do ministério, dentre tantas outras causas.

Em linhas gerais, ***a mais perigosa crise na vida de um sacerdote é a crise na fé. Uma sadia vitalidade espiritual será fundamental para ajudar o sacerdote a superar as crises típicas da vida*** que acabamos de citar, porém, quando não há uma vitalidade espiritual bem alicerçada no quotidiano, até mesmo as mais simples e ordinárias instabilidades da vida podem se tornar uma tempestade devastadora sobre a vocação

sacerdotal. Também podem acontecer “crises de fé temporárias” em decorrência de eventos ou momentos mais duros e austeros, mas nestes casos são como “provocações sobrenaturais” que o Bom Deus consente em favor do crescimento na vida interior do sacerdote, como por exemplo, no livro de Jó, quando o Senhor o leva a um grande ato de fé depois de colocá-lo as mais duras provas em confronto com as agruras da vida.

De qualquer forma, as crises podem ser um fator positivo no processo de amadurecimento da pessoa, pois trazem oportunidades significativas de crescimento. Evidentemente, a crise coloca o padre em uma “fase de dificuldade”, na qual *ele precisará de acompanhamento especial* (nisto também se vive uma grande experiência de humildade: *saber pedir ajuda e deixar-se ajudar por um outro*).

- Frequentemente, o padre que enfrenta uma dificuldade pode ser injustamente acusado de ter tido um déficit formativo, uma falta de preparação prévia, ou então, de ter má vontade de enfrentar os problemas que aparecem. Apesar disso, é importante que haja no coração do sacerdote a humildade suficiente para, sempre que for necessário, retomar o aprendizado desde a raiz, ou seja, procurando adquirir os instrumentos necessários para gerenciar determinadas situações da vida. Muitos padres tendem a ser pessoas bem informadas e instruídas em vários aspectos da vida humana, mas pouco conhecedores em outros.

- Com alguma frequência tem acontecido com alguns padres certo nível de deterioração na dimensão intelectual (passando da sabedoria ao acúmulo de informações), na dimensão pastoral (rotinas desequilibradas de trabalho e desgastes em excesso ou pouco calculados), ou no cuidado com a própria vida espiritual. Na maioria das vezes, essa deterioração é suscetível à recuperação, nem sempre em curto espaço de tempo, mas, em alguns casos, quando as consequências são muito graves pode tornar-se irrecuperável ou crônica.

2.3. INSTÂNCIAS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO

São quatro as instâncias de responsabilidade:

2.3.1. Bispo e seus sacerdotes encarregados para a formação permanente: é importante estimular e ajudar os sacerdotes a conseguirem desenvolver o máximo de transparência e liberdade ao falar das próprias situações e necessidades com o seu bispo, para que *sejam encontrados os meios adequados para a ajuda necessária em cada situação específica*. Por outro lado, *será de extrema importância que haja reverência, silêncio e respeito da parte dos sacerdotes responsáveis pelo acompanhamento na hora de acolher e ouvir o sacerdote para que a confiança e a crença na sinceridade de uma ajuda não sejam perdidas*. Nada mais degenerativo para a confiança de um sacerdote do que uma atitude de indiscrição ou de prepotência de seus acompanhadores diante da narrativa de suas vergonhas, dores ou medos.

2.3.2. Diretor espiritual e confessores: como ministro da reconciliação e mestre na orientação das consciências, o *sacerdote necessita ser uma pessoa reconciliada e guiada como irmão por um outro sacerdote* para que aprenda a sair de si mesmo na hora de orientar ao discernimento espiritual os demais batizados. É de extrema importância que no presbitério *exista sacerdotes de comprovada experiência como padres espirituais e confessores que estejam a disposição de ouvir o clero, e sejam homens isentos de qualquer dever de governo* ou mesmo de arbitrar uma voz de orientação sobre a vida dos clérigos para os bispos. Isso ajudará a manter a confiança dos sacerdotes na hora de buscar a confissão sacramental e quem os escute.

2.3.3. Ajuda fraterna: entre os sacerdotes é muito importante que haja a *justa colaboração fraterna pelo bem da missão evangelizadora*, mas também pelo *bem do próprio presbítero*. A mútua vigilância no amor e a correção fraterna oferecem ao sacerdote aquela segurança interior necessária que ele precisa ter antes de enfrentar certas missões mais duras onde correrá o arrisco de por conta de diferenças interpessoais vir a fechar-se na solidão ou no isolamento.

2.3.4. A comunidade dos cristãos: cabe a comunidade dos fiéis o cuidado humano e pastoral do sacerdote. Desde a *oração de intercessão*, passando pelo *cuidado afetivo e material* e chegando a *colaboração pastoral*, a comunidade dos fiéis ora assume atitudes exortativas, ora conciliadoras, ora operativas para o bom andamento da missão evangelizadora. Todos esses gestos completam aquele *sustento humano saudável e necessário para o sacerdote seguir tranquilo em seu caminho de santificação e missão pastoral*.

III. CONTEÚDO ESPECÍFICO DO ACOMPANHAMENTO DURANTE A FORMAÇÃO PERMANENTE

Evidentemente que o processo de acompanhamento de um sacerdote, implica toda a *sua vida como discípulo* e servo configurado a Cristo, Bom Pastor. Vamos deter-nos sobre aqueles conteúdos que são transversais ao percurso de vida sacerdotal, ou seja, dando luzes sobre *os meios para manter a perseverança na fidelidade sacerdotal em favor da realização plena de sua vocação*, e, também olharemos brevemente para a *dinâmica das situações de crise* que, ao mesmo tempo em que põem em risco a sua perseverança, são fortes oportunidades de crescimento.

É recomendável que os temas e conteúdos práticos a serem tratados nos encontros ou iniciativas de formação permanente apresentados pelo Bispo diocesano juntamente com a sua Pastoral Presbiteral **leve em consideração e reflexão esses dois próximos argumentos que se seguirão abaixo**, porque, ambos ajudam a *delinear um caminho seguro para o acompanhamento integral dos nossos sacerdotes em formação*

permanente e agregam muitas luzes para a nossa própria formação permanente como Bispos. Vale recordar que *nosso testemunho em tudo aquilo que propomos é sempre muito decisivo para que haja uma melhor aceitação das iniciativas de cuidado pessoal e busca pela santidade de nossos sacerdotes.*

3.1. PERSEVERANÇA NA FIDELIDADE SACERDOTAL

A santificação do sacerdote se realiza *através de sua fidelidade ao dom de Deus que foi recebido*. A fidelidade consiste no *cumprimento de uma promessa que está diretamente vinculada a um ato de amor a resposta do grande amor de Deus revelado no dom da vocação sacerdotal*. Por isso, seja nas amizades, seja na relação conjugal, seja na consagração a Deus, *a fidelidade será sempre um valor de grande importância, um dos maiores tesouros da vida cristã* (cf. 2 Tm 2,11-13). Assim fez referência o Apóstolo Paulo ao escrever: “Exorto-te a reavivares o dom de Deus que recebeste pela imposição de minhas mãos” (2Tm 1,6). Reavivar é algo maior do que simplesmente “manter acesa”. Significa *nutrir aquele dom, investir sobre ele, fazer memória de sua história e efeitos*, em uma palavra, *seria dar-lhe crescimento constante*.

O **primeiro compromisso de fidelidade** do sacerdote é no que diz respeito aos *propósitos sacerdotais assumidos publicamente no dia de sua ordenação*. A prática desses propósitos e a promessa de obediência ao Bispo se alicerçam sobre os conselhos evangélicos, que estão também na base de sua prévia vocação batismal – viver uma vida equilibrada com a escolha evangélica da pobreza, obediência e castidade.

Obviamente, os *conselhos evangélicos na vida de um sacerdote ganham progressivamente maior força e profundidade*, pois se orientam a uma radicalidade peculiar e exclusiva: **a total consagração de si ao Pai, em Cristo, pelo Espírito Santo para oferecer-se pela salvação dos homens** (cf. Quinto propósito do rito de ordenação sacerdotal).

Os propósitos feitos durante o diaconato vão ganhando maior força na prática quotidiana do futuro sacerdote, de maneira a impulsionar o jovem ordenado a abraçar os propósitos mais exigentes e profundos da vida sacerdotal. *Sem uma busca pelos meios necessários para manter os propósitos assumidos*, ou seja, *criando um estilo de vida que ajude a manter a fé, a oração, a continência e o compromisso de amor consagrado a Deus*, será quase inviável praticar os propósitos da ordenação sacerdotal.

Uma eventual infidelidade seja na obediência ao Bispo, seja na continência típica do celibato, seja na intercessão e entrega pela santificação do povo de Deus, acontece *quando se perde progressivamente a consciência e a centralidade de vida sobre o fundamento principal da vocação sacerdotal*: “... unido a Cristo, se oferecer ao Pai como vítima santa, e com Ele consagrar-se a Deus para salvação dos homens”.

Afinal, o Evangelho é anunciado, proclamado e difundido pelos batizados, mas, *é missão dos sacerdotes que estão totalmente unidos ao próprio Senhor, confirmar*

esse anúncio e fundamentá-lo através da celebração dos sacramentos e do ensinamento catequético, por meio da missão evangélica. Por isso, eles estarão submetidos àquela mesma sorte que essa missão reservou ao Senhor, ou seja, ora nos oratórios e praças, ora nas estradas das muitas “Jericó” do mundo, ora nas assembleias reunidas, ora nos cárceres de martírio, ora crucificado com Cristo sob os cravos de tantos desgostos e desilusões com a humanidade. Em todos esses momentos, lugares e medidas **é preciso que o sacerdote recorde, por meio de uma fé viva, que ele está unido a Cristo e com Cristo**. Como sacerdote, ele também vai percorrer a vergonha de sua própria humanidade ferida de pecado para que ela, por meio do Espírito Santo, seja redimida, e, pelo dedo desse mesmo Espírito e as mãos amáveis da Virgem Maria, a humanidade de nosso próximo, que outrora foi testemunho de separação e morte não apenas contra Deus, mas também contra nós, e que é igual a nossa, seja então acolhida em sua vergonhosa verdade de pecado, para ser amada por Cristo em nosso Coração (e não em um outro lugar), como sacerdote que somos, e finalmente ser curada e redimida por Ele em seu Santíssimo Coração, porque este vive e reina sobre o nosso próprio coração sacerdotal.

A obediência sacerdotal vem apresentada na *Presbyterorum Ordinis*, 15, como o caminho de configuração a Cristo que *humilhou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo, ... fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz* (cf. Fl 2,7-9). O texto define uma relação direta entre a obediência e a humildade. O presbítero, consciente do dom recebido e de suas muitas debilidades como homem, **opta livremente por buscar viver a vontade de Deus, abandonando e renunciando aos seus próprios desejos e interesses pessoais por amor a escolha feita**. A humilde aceitação da obediência que lhe é apresentada **permite que se realize com a justa condição evangélica** (no ser igual a Cristo) a missão canônica que lhe foi confiada. Sem essa disposição interior do padre, formada sobre a virtude da humildade, não há uma autêntica obediência evangélica. Os Padres Conciliares classificaram a obediência sacerdotal como sendo “responsável e voluntária”.

No número sucessivo, o documento toca o tema do celibato sacerdotal como um dom/carisma do Espírito Santo que **deve ser suplicado pelo sacerdote** ao mesmo tempo que **compete também a ele, colocar os meios ascéticos necessários para bem vivê-lo**, mas sempre contando com o auxílio do diretor espiritual e das ciências que lhe possam ser favoráveis ao seu bem. Reconhecendo o valor do matrimônio dos sacerdotes sob a disciplina das Igrejas de rito oriental, o documento exalta a relação do celibato com o ministério sacerdotal destacando diversas características que ajudam no caminho de configuração com Cristo: uma **consagração que permite ao sacerdote entregar-se de coração indiviso**, com maior dedicação ao ministério em favor de uma fervorosa paternidade em Cristo pelo povo de Deus, recordando a relação sponsal do Senhor com sua Igreja.

Através da *escolha por viver uma vida austera sob a virtude da pobreza*, o documento no número 17 faz referência ao Senhor que em sua generosidade, sendo rico, se fez pobre por nós, a fim de nos enriquecer com sua pobreza, dando-nos o tesouro de sua vida divina por meio de sua entrega redentora (cf. 2Cor 8,9). Desse modo, o texto marca que *a motivação evangélica para a escolha da vivência da pobreza é a generosidade de Cristo Senhor*. Por isso, o Decreto convida os sacerdotes a abraçar voluntariamente a pobreza e a vivê-la a partir/fundamentada na generosidade de Cristo e *não em outros parâmetros sociais ou ideológicos* (grifo nosso). *Cristo é a riqueza essencial do sacerdote e de toda sua vida*. Desde a posse dos bens materiais até aqueles espirituais, tudo devem estar dispostos a promover, sustentar e distribuir essa única e perene riqueza necessária e substancial ao coração sacerdotal: **Cristo Senhor**.

O testemunho de um sacerdote pela escolha da austeridade e da pobreza anuncia *um grande paradigma evangélico* em nossos tempos, ou seja, *que os bens materiais em sua vida são recebidos, entendidos e vividos a partir de Cristo e por aqueles que o Senhor ama*. Se as bases de sua motivação não estiverem fundamentadas nos princípios evangélicos e apoiadas sobre uma humanidade vigorosamente provada através de uma boa disciplina e educação nos valores humanos e cristãos, será difícil perseverar na fidelidade a obediência sacerdotal¹.

A fidelidade ao “*ser*” do sacerdote preserva e sustenta a sua fidelidade ao “*fazer*” como sacerdote. Isso impactará sobre vários exercícios práticos de sua vivência sacerdotal e pastoral, por exemplo, sua fidelidade na oração pessoal e na preparação das homilias; sua fidelidade no trabalho diário e o uso do tempo; sua fidelidade na proximidade e escuta ao povo de Deus; sua fidelidade na participação na vida com o presbitério, etc.

3.2. SITUAÇÕES DE CRISE SACERDOTAL

A experiência dolorosa dos últimos anos relacionada aos escândalos sacerdotais recolocou em destaque as várias situações de risco nas quais os padres geralmente se encontram expostos durante o exercício ministerial. Se os sacerdotes são chamados a se santificarem através do exercício ministerial, seria contraditório afirmar que o simples exercício ministerial é motivo de dificuldade e crise. É preciso olhar com atenção *duas coisas: as motivações que sustentam a vida do sacerdote e o quanto ele tem cuidado do seu “ser” sacerdote, antes, durante e depois do lançar-se aos*

¹ Se a obediência, a castidade e a pobreza não são voluntárias; se o padre não encontra em sua experiência de vida dos conselhos evangélicos uma forte convicção; se ele não se coloca na ampla perspectiva do dom recebido e do serviço espirituais ao povo de Deus; se a sua condição de obediente, casto e pobre não o solidariza pelos que perderam a liberdade e vivem o abandono e a escravidão do pecado, então, faltará algo essencial em suas motivações interiores que não se supre com atividades externas positivas e bem intencionadas, sejam estas de origem pastoral ou simplesmente social.

“afazeres” sacerdotais. Então, quais seriam as mais frequentes situações de desafio ou de risco de crise na vida de um sacerdote?

3.2.1. Uma **primeira** é a natural ***inserção ao presbitério***. O padre passa a fazer parte de um novo grupo social que por vezes pode ser marcadamente imaturo e com problemas já enraizados. Alguns estudos recentes observaram que muitos grupos de presbíteros apresentam uma média de 60 a 80% de homens ***que não vivem uma maturidade social (interpessoal) correspondente a própria idade biológica***. Esse é um indicativo pouco favorável para a criação de um ambiente psicologicamente mais estimulante ao crescimento humano dos sacerdotes. Isso também vai exigir do neossacerdote uma ***boa capacidade crítica na hora de confrontar certas situações concretas presentes na vida de seus companheiros***, e também, na hora de ***escolher e agrupar os testemunhos evangélicos válidos para manter viva sua motivação a vida consagrada***.

É extremamente importante ***motivar e ajudar os padres mais antigos a serem um elo de acolhimento e de integração para os padres mais novos***. Muitas vezes o choque de mentalidades ou mesmo a diferença e a distância entre as histórias de vida podem ser fonte de conflito, quando na verdade ***poderiam ser grandes mananciais de interação e de troca de experiência***. Porém, para que isso aconteça serão necessários ***bons mediadores próximos aos padres que ajudem ao Bispo como facilitadores na integração das gerações presentes no presbitério***.

Não são poucos os casos dos sacerdotes que tentam se aproximar do seu bispo ***para encontrar respaldo e confirmação na hora de buscar atitudes mais vigorosas de fé e até mesmo sustento motivacional para eventuais desilusões***. Saber acolher sem respostas prontas e rápidas de aceitação e conformação diante dos problemas ***pode ajudar o padre a recuperar criativamente o próprio ânimo e a fazer de sua própria vida uma proposta de bons sinais da vitalidade evangélica no presbitério***, ao invés de cultivar discursos de amargura ou posturas beligerantes e sectárias, como as vezes acontece.

3.2.2. Infelizmente, um jovem sacerdote pode encontrar um ***ambiente social***, e mesmo dentro do presbitério, ***adverso a vitalidade da vida cristã*** por atribuir grande valor ao que é consumista, efêmero e dissimuladamente manipulado, ou ainda um certo “desprezo” pelas manifestações de fé, piedade e abnegação pessoal como se fossem “contrárias” ao que se espera de uma “vida bem-sucedida e confortavelmente organizada” para um padre.

Portanto, será preciso ter uma ***boa consciência e conhecimento da realidade social na qual se exercitará o ministério***, ao mesmo tempo em que se ***deve procurar investir em relações, companhias e atitudes que agreguem esperança, entusiasmo e***

gosto pela vivência encarnada da fé que se professa e na qual se escolheu consagrar-se por inteiro.

As boas-vindas calorosas da comunidade cristã na hora da ordenação sacerdotal geralmente oferecem alívio, mas é necessário um grau significativo de maturidade para agradecer por esse “presente de Deus” sem esperar maiores gratificações da comunidade ou sem fazer dela um tipo de *refúgio contra as desilusões com os seus pares no presbitério*. Ainda que os primeiros testemunhos apontem para uma desilusão, *é preciso manter o passo firme no caminho proposto pelo Senhor, porque, mesmo que não estejamos vendo bem ao nosso redor, não estamos sozinhos nessa escolha, outros também estão escolhendo seguir com Cristo e os encontraremos em breve para dividirmos o compromisso por uma vida de santidade e fidelidade sacerdotal*. É preciso ter e nutrir esperança!

3.2.3. Um fenômeno que se faz sentir é o aumento do **desinteresse social pela pessoa do sacerdote**: Isso acontece em parte pelo fato do sacerdote não gozar mais do prestígio formativo (humanístico, social e religioso) de um tempo, e em parte por uma certa perda de credibilidade pública e do protagonismo social de antes. *Essa situação pode ajudar o sacerdote a assumir o papel de servo humilde e consciente e a recuperar aquele primeiro dever sacerdotal de cuidar da salvação dos homens, sem abandonar aquela pretensão de ocupar todos os espaços e lugares disponíveis na sociedade*. Por outro lado, também pode, por exemplo, impulsionar negativamente na direção de um individualismo que lhe dê a afirmação de valores e a firmeza nas escolhas que faz por si mesmo criando uma vida “*só sua e do seu jeito e como ele quiser que seja*”.

Aproveito aqui para recordar que a *Ratio Fundamentalis* aponta para algumas dificuldades mais frequentes nos primeiros anos de ministério que precisam ser bem cuidadas pelos senhores bispos na hora de cuidar com zelo paterno de seus jovens sacerdotes.

3.2.4. Experimentar a própria debilidade: sobre esse tema é preciso desenvolver um trabalho desde a formação inicial. No decorrer do percurso de vida sacerdotal *vai ser necessário aprender a dar respostas novas para superação de debilidades antigas*, assim como poderão aparecer novas sensibilidades que exigirão um cuidado novo e criativo com a própria humanidade a fim de que esta continue sendo vivida segundo o Espírito Santo. Nisso o testemunho do Bispo e a sua escuta e compreensão paternas terá grande relevância para encorajar os jovens sacerdotes.

3.2.5. Ser um funcionário das coisas sagradas: a perda do vigor da fé também conduz a perda da piedade e do vigor espiritual de uma vida devota e humildemente modelada a partir da oração. Na tentativa de encher com algum significado o próprio agir na vida ministerial, o padre pode *agarrar-se em seus afazeres funcionais como uma forma de afirmação de algo sobre si mesmo*. O sacerdote no exercício pastoral e ministerial, não cumpre, em estrito senso, uma função, **ele vive sua vocação**. Assim

como um pai de família desenvolve e cumpre funções em seu cotidiano, também um sacerdote deve cumprir muitas funções, porém, um pai é pai por vocação e não pelas funções que realiza, e se caso desaparece o alicerce existencial dessa sua identidade vocacional talvez a única coisa que sobre para afirmar alguma coisa sobre si sejam suas funções paternas. O mesmo pode acontecer na vida de um sacerdote, porém, de maneira ainda mais intensa porque trata-se de uma identidade vocacional ontologicamente formada.

3.2.6. O desafio da cultura contemporânea: Evangelizar a cultura exige grande estabilidade humana e espiritual do padre (maturidade), *para que ele possa se adaptar dentro da fluidez cultural e social de nossos tempos sem se perder em sua identidade e missão*. Essa flexibilidade não é alcançada sem trabalho perseverante sobre si mesmo, contínuo discernimento pastoral e uma boa formação intelectual. Por vezes observa-se certa valorização estranhamente exagerada de “tradicionalismos”, mas que se limitam a uma “performance estética” e que *pouco agregam ao crescimento interior da pessoa*. **Bem venha a afirmação e a defesa da Tradição da Igreja, tesouro de Deus na história, contudo, essa mesma Tradição deve edificar uma maior força de compromisso com a verdade e com a defesa dos valores cristãos e sacerdotais que impulsionam a construção do caminho de conversão e de comunhão próprios do anúncio evangelizador**. Porém, algumas vezes o discurso e/ou postura tradicionalista só consegue criar certa “barreira impermeabilizante” muito frágil contra a fluidez de valores da sociedade atual, porque, *em alguns casos, a pessoa apenas absorve certos elementos estéticos, estilos, modos e posturas sociais que ajudam a compor um “perfil diferenciado”, mas que somados não geram uma mudança de mentalidade no coração do sujeito e nem reforçam suas raízes mais profundas do vigor vocacional*.

3.2.7. O gosto pelo poder e pelas riquezas: essa é uma tentação antiga, mas sempre nova. Quando o medo e a insegurança em relação ao próprio futuro crescem ou em relação aos próprios méritos e deméritos pessoais, ou, quando muitas perdas se repetem e a vida evangélica pesa em exigência e conflitos, até os mais valentes e santos podem arriscar um pensamento e até mesmo algumas decisões na intenção de adquirir algum modo ou meio de acesso a um *poder maior* (ainda que seja por influência) ou *riqueza material que lhes dê segurança* (mesmo que não seja pecuniária, mas a atribuição de valor desproporcional sobre algo, alguém ou algum mérito ou benefício material ou imaterial).

Não são poucos os casos de sacerdotes que fazem pessoa, recurso e decisões girarem ao redor de suas vontades, seus caprichos e de sua autoimagem... *tal atitude pode levar a dano uma inteira comunidade de fiéis e criar feridas enormes nas relações interpessoais dentro de um presbitério ou de uma inteira diocese*. É oportuno ter presente que se faz sempre mais urgente desenvolver modos objetivos, claros e administrativamente elaborados para o cuidado dos bens materiais da diocese e das paróquias para ajudar os sacerdotes a cumprirem bem o seu ofício como administradores de parte destes bens, sem correrem graves riscos de se perderem nos

desequilíbrios que levam uma pessoa *a deixar o essencial em sua vida para buscar o poder e as riquezas como meios para dar significado e “encher de satisfações” a própria vida*. Evitar esse tipo de crise não depende apenas do empenho espiritual do sacerdote, mas passa também por uma boa estratégia de trabalho sócio administrativo proposto pela cúria diocesana.

3.2.8. O desafio do celibato: No contexto de liberalidade permissiva da cultura global contemporânea, vários estilos de vida alheios à moralidade cristã são apresentados com grande naturalidade e aceitação dentro das comunidades cristãs, sendo misturados com o discurso evangélico sem melhores discernimentos e acabam acolhidos por muitos porque são discursos quase sempre menos exigentes. Essas ambiguidades, além de *reforçarem a imaturidade afetiva diante da radicalidade evangélica*, muitas vezes *acarreta grande geração de tensão e dificuldades na hora de acolher os ensinamentos morais e disciplinares da Igreja sobre o dom de si no celibato*. Nem sempre o tempo de formação nos seminários será suficiente para dar o necessário para todas as conversões e mudanças de mentalidade que precisam ser feitas pelo candidato ao sacerdócio. Isso implicará um *compromisso de continuação no cuidado com a própria afetividade e sexualidade por toda a vida*. Durante a vida ministerial, um padre precisará enfrentar muitas outras tensões e desafios exigentes, e, por vezes, pode acontecer certa regressão afetiva e busca por compensações rápidas. A experiência da caridade pastoral e da paternidade sacerdotal exigem do padre crescimento e cuidado contínuo com a virtude da castidade, assim como o amor conjugal e a paternidade biológica exigem as mesmas coisas para os casados.

3.2.9. A doação total ao ministério: A consagração sacerdotal implica total dedicação ao serviço do povo de Deus, particularmente na pregação, no ensinamento evangélico e na celebração dos sacramentos. Contudo, muitas vezes acontece que o cansaço, as doenças, as dificuldades e as decepções vão desgastando o entusiasmo da vida sacerdotal. *Sem um cuidado adequado e sem aquele zeloso e tantas vezes providencial olhar fraterno presbiteral, um sacerdote pode sucumbir completamente em seu ânimo interior podendo até mesmo abandonar o ministério definitivamente*. Outro risco também seria a “tentação da mediocridade”, ou seja, o famoso “está bom assim e vamos levando como se pode”, no qual *a fidelidade deixa de ser criativa e, mais cedo ou mais tarde, o ministério vai se tornar um fardo insuportável*.

Por isso, estimular a amizade sincera e a proximidade entre os padres é uma urgência para a boa comunhão do interior presbitério.

3.2.10. A enfermidade e a ancianidade: Como todas as pessoas da comunidade cristã, os presbíteros também requerem atenção especial quando surgem fraquezas físicas devido a doenças e a velhice. *Em algumas dioceses ainda não há uma previsão adequada a esse respeito, o que pode criar grande insegurança existencial em muitos padres*. Certamente que eles estão chamados a um ato de fé e de esperança na Providência Divina, mas *igualmente chamados a um ato de justiça e dever moral estão os encarregados por desenvolverem uma resposta concreta para essa*

preocupação, pois tal resposta será um forte testemunho da Providência Divina na história. Também é frequente a má gestão dessas situações pelo próprio padre (enfermidade e ancianidade), por exemplo, sem que ele se prepare em consciência e postura para o seu envelhecimento. O cuidado com os doentes e os idosos é um ponto sintomático na qualidade do relacionamento fraterno entre os padres e com o bispo diocesano.

CONCLUSÃO

Concluo com um trecho da carta do Santo Padre aos sacerdotes no 160º aniversário da morte de São João Maria Vianney, o cura d'Ars, no último dia 04 de agosto de 2019, que nos coloca diante do essencial do acompanhamento durante a formação permanente:

Para manter o coração vivo, é necessário não negligenciar esses dois elos constitutivos de nossa identidade: o primeiro, com Jesus. Toda vez que nos desassociamos de Jesus ou negligenciamos nosso relacionamento com Ele, pouco a pouco nossa entrega vai secando e nossas lâmpadas ficam sem óleo capaz de iluminar a vida (cf. Mt 25,1-13): “Assim como o galho não pode dar frutos se não permanecer na videira, vós também não dareis, se não permanecéis em mim. Permaneça no meu amor (...) porque, fora de mim, vós não podeis fazer nada” (Jo 15,4-5). Nesse sentido, gostaria de encorajá-los a não negligenciar o acompanhamento espiritual, tendo um irmão com quem conversar, confrontar, discutir e discernir com total confiança e transparência o próprio caminho; um irmão sábio com quem fazer a experiência de conhecer discípulos. Procure, encontre e desfrute da alegria de ser cuidado, acompanhado e aconselhado. É uma ajuda insubstituível poder viver o ministério fazendo a vontade do Pai (cf. Hb 10,9) e deixar o coração bater com “os mesmos sentimentos de Cristo” (Fl 2,5). Quão boas são as palavras do Eclesiastes: “Dois homens juntos são mais felizes do que um isolado... Se um vem a cair, o outro o levanta. Mas pobre daquele que está sozinho; se ele cai não há ninguém para erguê-lo!” (4,9 - 10).

✠ Jorge Carlos Patrón Wong
Arcebispo-bispo Emérito de Papantla
Secretário para os Seminários